

Sobre Psicanálise e Ciência Econômica¹

Francisco Lafaiete Lopes

Toda ciência usa modelos, dos quais são derivadas previsões que são testadas empiricamente. A atividade teórica consiste na formulação de “bons” modelos. A atividade de teste confronta os modelos com dados reais e eles podem ser validados (como verdades provisórias da ciência), ou rejeitados integralmente ou devolvidos à atividade teórica com sugestões de aprimoramento. Um modelo é uma representação da realidade utilizando o menor número possível de hipóteses que permitam a derivação lógica de proposições ou teoremas relevantes que possam ser verificados empiricamente. Para Hawking (1988) “uma boa teoria... deve descrever de forma acurada um amplo conjunto de observações com base em um modelo que contenha apenas alguns poucos elementos arbitrários e ela deve fazer previsões bem definidas sobre os resultados de observações futuras” (p. 9).

Isto também se aplica à psicanálise, mas neste caso é fundamental entender que estamos lidando com uma ciência não experimental. Seu principal método de teste é o próprio processo analítico, que obviamente não é um experimento controlado e sempre envolve boa dose de imprecisão e subjetividade. É verdade que a teoria da mente construída pela psicanálise pode, em princípio, ser “verificada” empiricamente pelo estudo do comportamento humano fora da clínica como foi demonstrado por Freud e muitos outros em trabalhos de psicanálise aplicada, mas isso não é a mesma coisa que um teste experimental. Na realidade o que acontece com a psicanálise não é muito diferente do que acontece com a ciência econômica, por exemplo. Uma teoria econômica só pode ser realmente “testada” através da história econômica, isto é, pela observação cuidadosa do comportamento humano no mundo real dos negócios, do consumo e da produção. Sob este aspecto dispõe até de menos recursos experimentais que a psicanálise. Na ciência econômica não há nada comparável ao ambiente de

¹ Este texto foi escrito com foco em um público mais interessado em psicologia e filosofia do que propriamente em economia, mas pode ser útil para lembrar aos economistas sobre a natureza não experimental de sua ciência. Serve também como justa homenagem a um intelectual do porte de Edmar Bacha nas comemorações de seu aniversário de 75 anos.

observação relativamente controlado e repetitivo da clínica ao longo de um processo intenso e prolongado de análise².

A falha em entender a natureza não experimental da disciplina tem dado origem a muitas avaliações negativas. Considere, por exemplo, a curiosa ambiguidade de Eric Kandel, ilustre neuro-cientista e ganhador de um prêmio Nobel. Por um lado afirma que “a psicanálise ainda representa a visão mais coerente e intelectualmente satisfatória sobre a mente” (2005, p. 64: *psychoanalysis still represents the most coherent and intellectually satisfying view of the mind*). Por outro lado afirma que por volta de 1960, sessenta anos após sua introdução, a psicanálise já tinha exaurido totalmente sua potência investigativa original, restando pouco para ser aprendido apenas ouvindo atentamente a alguns pacientes individuais (2006, p. 365). O absurdo dessa última observação fica evidente quando lembramos que o *Playing and Reality* de Winnicott foi publicado em 1971 e o *The Restoration of the Self* de Kohut foi publicado em 1977, para citar apenas dois exemplos importantes.

A crítica mais séria de Kandel, porém, é que a psicanálise, a despeito de sua promessa inicial, não evoluiu cientificamente e não desenvolveu métodos objetivos para testar suas conclusões. Para ele a psicanálise foi introduzida por Freud com objetivos científicos, mas na prática raramente foi científica em seus métodos, já que fracassou ao longo dos anos em submeter suas proposições a testes experimentais. A preocupação da moderna ciência do comportamento de controlar o viés do experimentador através de experimentos cegos³ praticamente nunca esteve presente entre os psicanalistas.

² Recentemente surgiu um ramo de economia experimental que pretende testar teorias econômicas através de experimentos controlados em laboratório. Vernon Smith ganhou o prêmio Nobel de economia em 2002 por seu trabalho pioneiro nesta área, mas esses experimentos, que tipicamente utilizam estudantes universitários, são muito simplistas e artificiais. De forma alguma permitem um teste efetivo de teorias econômicas relevantes. O corpo principal dominante da ciência econômica atual foi historicamente desenvolvido sem qualquer colaboração de métodos experimentais. Ver Smith (2003).

³ Num experimento cego o investigador não sabe quais participantes estão sendo submetidos à intervenção que está sendo testada.

O problema com essa crítica é que ela implicitamente pressupõe que a experimentação é a única característica definidora de qualquer ciência. Desde Karl Popper, porém, entendemos que a natureza científica de uma disciplina é assegurada não pela possibilidade de experimentação, mas pela refutabilidade de suas proposições. Ou seja, uma ciência não experimental é possível se suas conclusões puderem ser, pelo menos em princípio, demonstradas falsas pela observação da realidade mesmo na ausência de experimentos. A astronomia ou a meteorologia são exemplos de ciências não experimentais.

Uma ciência não experimental não dispõe de experimentos controlados, mas esses podem ser em parte substituídos por “experimentos naturais” que resultam apenas da observação cuidadosa do comportamento das variáveis do sistema em estudo. Num experimento natural uma variável independente não é manipulada artificialmente, como num experimento controlado, mas apenas resulta de uma alteração da realidade (uma intervenção natural). Os cientistas supõem que essa alteração ocorreu de forma aleatória afetando apenas algumas variáveis do sistema enquanto as demais variáveis permaneceram constantes. Essa hipótese equivale a supor que os grupos de tratamento e controle criados pelo experimento natural são semelhantes em termos de todos os fatores observados e não observados que podem afetar o resultado de interesse com exceção da variável independente.

Por exemplo, a astronomia afirma que uma estrela é apenas uma nuvem de hidrogênio que colapsou. A refutação experimental dessa proposição é obviamente impossível já que ninguém pode imaginar como coletar uma gigantesca nuvem de hidrogeno para esperar alguns bilhões de anos até que um sol apareça. Não obstante, um experimento natural resulta da observação de diversas nuvens de hidrogênio em diferentes estágios do processo de colapso e de outras consequências da hipótese, como a presença de determinadas conformações espectrais nas luzes das estrelas.

Popper (1963, pp 156-7) explica a importância da refutabilidade notando que se não sabemos como testar uma teoria, seja por experimento ou observação empírica,

podemos ficar em dúvida se realmente faz sentido o tipo de explicação proposto por ela. Se há certeza que a teoria não pode ser testada, então nossa dúvida aumenta e podemos suspeitar que é apenas um mito ou conto de fadas. Por outro lado, se uma teoria pode ser testada empiricamente então ela implica em que certo tipo de evento não pode acontecer e, dessa forma, está efetivamente dizendo algo sobre o mundo real.

Será possível afirmar que a psicanálise é de fato uma ciência não experimental dentro desse critério? Infelizmente o próprio Popper iniciou uma tradição muito desfavorável dentro da filosofia da ciência quando a escolheu como um de seus exemplos favoritos de disciplina não científica (junto com o marxismo!). Na realidade, porém, sua argumentação nesse caso demonstra um entendimento superficial e bastante equivocado.

Por exemplo, Popper (1963, p. 46) ilustra a não refutabilidade, que considera endêmica na psicanálise, considerando dois casos extremos de comportamento humano: o caso do homem que tenta afogar uma criança e o caso do homem que sacrifica sua vida tentando evitar que uma criança se afogue. Para ele a psicanálise afirmaria que o homem do primeiro caso fora movido por um impulso reprimido (possivelmente de “algum componente de seu complexo de Édipo”) enquanto que o homem do segundo caso havia conseguido a sublimação do impulso. Ou seja, haveria uma explicação na teoria psicanalítica para qualquer dos dois comportamentos contraditórios, e a observação empírica de como determinado homem efetivamente se comportou seria inútil do ponto de vista da sua refutabilidade. Popper afirma que não consegue pensar em nenhum comportamento humano que não possa ser interpretado em termos dessa teoria.

A argumentação na realidade é tão tola que nem seria o caso de considerá-la seriamente, não tivesse sido ela apresentada por Popper. É claro que a psicanálise pode explicar diferentes tipos de personalidades e comportamentos humanos. Nisso não difere, por exemplo, da astronomia que tem esquemas complexos de classificação

estelar admitindo a existência de diferentes tipos de estrelas com diferentes padrões de evolução. Um psicanalista identificaria o comportamento do homem que afoga a criança como típico de uma personalidade psicopática, caracterizada por egocentrismo, frieza, insensibilidade a sentimentos alheios e capacidade de cometer atos cruéis sem qualquer remorso ou culpa. Para o psicanalista esse padrão de comportamento resulta de uma formação muito deficiente do superego, que é a parte do aparelho mental que garante a adesão do indivíduo às regras de bom comportamento e aos padrões morais da sociedade.

Já o comportamento do homem que sacrifica sua vida para salvar uma criança poderia ser considerado por um psicanalista como típico de um caso particular de personalidade maníaca (ou hipomaníaca) que poderíamos denominar de maníaca heroica. Fica evidente a presença de um superego que contém um ideal de ego muito ambicioso ou, como diria Kohut, a presença de um self caracterizado por uma idealização muito intensa da imago parental. Além disso, pode-se perceber a presença de uma dimensão maníaca que explicaria porque o indivíduo terminou se envolvendo num acidente fatal. Esses dois padrões de comportamento são, porém, muito atípicos já que a maioria das pessoas normais nem afogaria a criança, nem correria riscos excessivos para salvá-la.

Na realidade a análise teórica desse caso pela psicanálise permite algumas proposições perfeitamente refutáveis, ao contrário do que afirma Popper. Imagine, por exemplo, que um conjunto de indivíduos é submetido a avaliação psicanalítica por período de tempo suficiente para a identificação de três subconjuntos distintos, um só com indivíduos de personalidade psicopática, outro só com indivíduos de personalidade maníaca heroica e finalmente um terceiro subconjunto com indivíduos que não se encaixam em nenhum dos dois casos anteriores.. Naturalmente a grande maioria dos indivíduos avaliados estará incluída nessa última categoria, mas se o número de indivíduos avaliados for suficientemente grande podemos esperar ter identificado também, de forma inequívoca, alguns psicopatas e alguns maníacos heroicos. Então podemos propor duas proposições perfeitamente refutáveis: 1)

nenhum maníaco heroico afogará uma criança e 2) nenhum psicopata perderá sua vida tentando evitar que alguma criança se afogue.

Como observou Popper (1963, p. 48) a essência de uma boa teoria científica é que ela proíbe que algumas coisas aconteçam. O verdadeiro teste da teoria é sempre uma tentativa de refutá-la. No exemplo acima mostramos como é possível partir do entendimento psicanalítico da mente humana para formular duas proposições refutáveis que podem ser testadas empiricamente. Isto pode ser difícil de realizar na prática, mas o que importa para o status científico de uma teoria é que possibilite o desenho de um teste que possa ser precisamente especificado.

Aliás, é interessante notar como a explicação psicanalítica daqueles dois padrões extremos de comportamento usou intensamente o conceito de superego. Isto pode ser contrastado com a avaliação de Popper sobre o modelo freudiano do aparelho mental:

“...para o épico de Freud sobre o Ego, o Superego e o Id, nenhuma reivindicação a status científico pode ser feita que seja substancialmente mais forte... do que para a coletânea de histórias de Homero sobre o Olimpo. Essas teorias descrevem alguns fatos, mas sob a forma de mitos. Elas contem algumas sugestões psicológicas bem interessantes, mas não em forma testável. (1963, p.50)

Na realidade, porém, os conceitos freudianos são bem mais do que meros mitos. Junto com a noção qualitativa de consciente e inconsciente eles constituem um modelo teórico logicamente formulado que permite uma explicação complexa e detalhada das motivações humanas e processos de pensamento. Naturalmente, qualquer teoria envolve um esquema classificatório arbitrário. O que interessa é se o esquema tem a capacidade de organizar e estruturar logicamente nosso pensamento sobre determinadas questões e se produz proposições empiricamente refutáveis.

Um modelo teórico só deve ser avaliado pelo poder explicativo de suas previsões, nunca pelo realismo de suas hipóteses. No caso da física, por exemplo, o chamado modelo padrão postula que toda matéria é composta por quarks e leptons de

diferentes tipos, “sabores” e “cores” e por suas respectivas anti-partículas (Lederman, 1993). Isto certamente pareceria tão “épico” para Homero quanto o esquema do modelo estrutural de Freud! Naturalmente o “realismo” das hipóteses da física das partículas não precisa ser testado diretamente, já que ninguém pode ter esperança de observar um quark diretamente, mas o modelo padrão pode ser testado indiretamente pelo resultado de experimentos em grandes aceleradores de partículas. Como esses resultados tem sido até agora compatíveis com as previsões da teoria, os físicos consideram que o modelo foi corroborado (isto é, passou com sucesso) pela avaliação empírica.

No caso da psicanálise, como na ciência econômica, a experimentação controlada não é possível, mas ainda assim proposições científicas refutáveis podem ser formuladas e testadas pela observação empírica em experimentos naturais. Nos dois casos, porém, só podemos ter o que Popper denominou de “proposições estatísticas”, isto é, proposições com boa probabilidade de serem verdadeiras e cuja refutação envolve, em última análise, um problema de inferência estatística⁴. Por exemplo, as proposições refutáveis que apresentamos acima sobre personalidades psicopáticas e heroicas e o afogamento da criança pretendem ter apenas uma validade probabilística, no sentido de que podem ser confirmadas com elevado grau de confiança estatística. Uma formulação mais precisa seria: 1) é pequena a probabilidade de que algum maníaco heroico afogue uma criança e 2) é pequena a probabilidade de que algum psicopata perca sua vida tentando evitar que uma criança se afogue.

Na ciência econômica todas as proposições refutáveis são estatísticas, isto é, são afirmações probabilísticas. Considere, por exemplo, a lei da demanda, um dos pilares da teoria econômica. Essa lei afirma que a quantidade demandada de uma mercadoria aumenta quando o seu preço diminui ou, em outras palavras, que quando o preço de

⁴ Inferência estatística é a ciência de deduzir propriedades de uma população de objetos sujeitos a variação aleatória a partir de um conjunto de dados observados que representam uma amostra dessa população. A inferência estatística permite a construção de afirmações probabilísticas sobre a população. Uma afirmação probabilística está sempre associada a um grau de confiança, isto é, uma medida de precisão sobre sua veracidade. Por exemplo, uma afirmação com grau de confiança de 95% tende a ser confirmada em 95 de cada 100 casos analisados, se o tamanho da amostra for suficientemente grande.

uma mercadoria diminui os consumidores estarão dispostos a comprar uma maior quantidade dela. Acontece que essa afirmação pode não ser correta se as condições do mercado também se modificarem, por exemplo, se a renda e o poder de compra dos consumidores diminuïrem ou se o interesse dos consumidores naquela mercadoria específica for negativamente afetado pelo surgimento de uma mercadoria alternativa mais atraente. A lei da demanda também pode não ter validade no caso de determinadas mercadorias em que uma redução do preço possa ser interpretada como sinalizando uma piora na qualidade do produto vendido, um fenômeno relativamente raro que os economistas denominam de seleção adversa. Nesse caso uma redução do preço pode afugentar os consumidores⁵.

Os economistas lidam com esse grau de imprecisão em suas afirmações introduzindo o qualificador “*ceteris paribus*”, uma frase latina que pode ser traduzida como “tudo o mais constante”. Então a lei da demanda é entendida como afirmando apenas que a quantidade demandada de uma mercadoria aumentará, *ceteris paribus*, quando seu preço diminuir. Ou seja, se a renda dos consumidores e suas preferências não se modificarem e se não for um caso raro de seleção adversa, então uma redução do preço efetivamente aumentará a quantidade que os consumidores estão dispostos a comprar.

Na definição de Hawking, já mencionada anteriormente, uma boa teoria deve fazer previsões bem definidas sobre os resultados de observações futuras. No caso de uma ciência não experimental, como a economia, essas previsões só podem ser probabilísticas. Isto a rigor torna impossível uma refutação precisa já que sempre se pode contornar uma observação desfavorável para a teoria alegando a posteriori a ocorrência de um evento muito pouco provável. A solução, porém, que está implícita no uso da condição de *ceteris paribus*, é que fatos considerados matematicamente improváveis raramente acontecem. O economista através do estudo da história econômica e da sua observação pessoal do mundo real dos negócios e da produção de

⁵ Um exemplo típico disso acontece no mercado de carros usados, onde um carro muito barato pode ser percebido como de baixa qualidade.

riquezas materiais desenvolve um “julgamento educado”, isto é, uma capacidade de avaliar a plausibilidade de qualquer teoria a partir da sua experiência profissional acumulada. Esta é a única forma para obter a corroboração de proposições refutáveis nesse tipo de ciência. Se uma proposição que inclui a condição de *ceteris paribus* não é refutada na maioria das observações de fenômenos relevantes ela é considerada corroborada, mesmo que tenha sido refutada em alguns poucos casos particulares. Nesses casos interessa ao economista identificar de que forma a condição de *ceteris paribus* foi violada, mas a corroboração pode ser sustentada mesmo quando essa identificação não é possível com muita precisão.

Uma ciência avança através do aprimoramento de seus modelos, mas quando os métodos de teste empírico são muito frágeis ou deficientes, como acontece tanto em psicanálise como em economia, pode ser difícil identificar inequivocamente um determinado modelo como superior a outros modelos alternativos. Neste caso vários modelos podem ser considerados igualmente plausíveis à luz da evidência empírica, e a escolha do modelo adequado para determinada situação só pode resultar de um julgamento educado. John Maynard Keynes, que foi provavelmente o maior economista do século vinte, afirmou que a economia é antes de tudo um ramo da lógica, uma forma de pensar em termos de determinados modelos conjugada com a arte de escolher o modelo relevante para cada momento do mundo real. Bons economistas são escassos, dizia Keynes, porque o talento para usar uma observação vigilante (*‘vigilant observation’* no inglês) para escolher bons modelos, ainda que não requiera uma técnica intelectual altamente especializada, parece ser muito raro (Keynes, 1973, p.297: *Good economists are scarce because the gift for using ‘vigilant observation’ to choose good models, although it does not require a highly specialized intellectual technique, appears to be a very rare one*).

Curiosamente Popper parece bem mais otimista em relação ao status científico da economia do que o próprio Keynes ou a maioria dos economistas⁶. Ele apresenta, por

⁶ Os economistas não costumam gastar muito tempo com discussões metodológicas. Numa das raras exceções Blaug (1968) reconhece corretamente o papel do qualificador de *ceteris paribus* em economia, mas segue Popper numa avaliação muito mais pessimista da psicanálise, que para ele busca apenas entender os sintomas

exemplo, o seguinte exemplo do que parece ser uma proposição econômica precisamente refutável:

Assim como podemos aprender de um físico que em determinadas condições físicas uma caldeira vai explodir, também podemos aprender de um economista que em determinadas condições sociais, em que ocorre uma escassez de mercadorias com preços controlados e inexistente um sistema punitivo eficiente, um mercado negro vai se desenvolver. (1963, p. 456)

O exemplo, porém, é falacioso. Ao definir a situação como de escassez de mercadorias com preços controlados ele está implicitamente supondo que está considerando apenas mercados em que a lei da demanda funcionaria perfeitamente se os preços não fossem controlados. Nesse caso se os preços querem subir, são impedidos pelos controles e não há punição efetiva para transações informais num mercado negro, essas transações serão as soluções naturais para produzir a elevação dos preços. Na realidade a proposição está apenas afirmando que os preços vão subir (através de mercados negros tacitamente permitidos pelo poder público) quando eles querem subir e são impedidos de fazê-lo nos mercados formais. Ou seja, a proposição é essencialmente tautológica já que a questão relevante no caso, que seria a lei da demanda, não pode ser testada por ela, tendo sido implicitamente introduzida como hipótese.

Se por um lado Popper é muito otimista em relação ao status científico da economia⁷, por outro é muito pessimista no que diz respeito à psicanálise. Há uma série de afirmações probabilísticas que podem ser formuladas em relação, por exemplo, a atos falhos, chistes, sonhos e fenômenos de transferência na clínica, para citar apenas algumas possibilidades mais óbvias. Em psicanálise, assim como em economia, experimentos controlados são inviáveis. Não obstante, uma observação vigilante

neuróticos como uma forma disfarçada de comunicação, isto é, como hermenêutica. Sua conclusão foi que “o status do critério de refutabilidade em economia está aproximadamente no meio do caminho entre seu status na psicanálise e seu status na física”. (p. 675)

⁷ Esse surpreendente otimismo foi notado por Hutchison (1976) que nota que, no *The Poverty of Historicism* (p. 60), Popper chega a afirmar que a ciência econômica já passou por sua “revolução Newtoniana”.

durante um processo continuado de análise, processo esse que sempre oferece muitas possibilidades de repetição de situações assemelhadas, pode produzir o julgamento educado suficiente para corroborar muitas afirmações probabilísticas com elevado grau de convicção.

É verdade que Kandel tem razão quando sugere que a psicanálise não deveria regredir para um modo de pensamento não científico, negando o entendimento do próprio Freud (1940) que deixou registrado, na publicação póstuma das *Lições Elementares de Psicanálise*, que sendo ela parte da psicologia obviamente não poderia ser nada diferente do que uma ciência natural⁸. Como em qualquer ciência, a disciplina deve avançar através da confirmação empírica de proposições derivadas de modelos teóricos. Como já vimos essas confirmações empíricas podem ser obtidas através da observação vigilante na atividade clínica e este certamente é o mais caminho natural e produtivo para a psicanálise. Não é necessário, porém, excluir também a contribuição de outras formas de teste empírico, mesmo que experimentos controlados não sejam possíveis. O teste natural hipotético, que discutimos acima, sobre personalidades psicopáticas e maníacas-heroicas e o afogamento da criança poderia ser considerado um exemplo disto. Como sugerido por Angrist e Pischke (2009) a descrição detalhada da mecânica de um experimento ideal, mesmo que praticamente inviável, pode ser muito útil para nos ajudar a formular com precisão as questões que queremos elucidar. Além disso, dados não experimentais sempre podem ser analisados num espírito experimental. Este é um desafio que ainda precisa ser integralmente assumido pela comunidade psicanalítica.

Trygve Haavelmo, um dos pioneiros da aplicação de métodos estatísticos em economia, resumiu lucidamente a interação entre formulação teórica, experimentos

⁸ Uma questão intrigante é porque Freud insistiu em falar em “ciência natural” e não meramente em “ciência”. Uma explicação, sugerida por Patrizia Giampieri-Deutsch (2005) é que Freud apenas seguiu o costume de seu professor de filosofia Franz Brentano, de considerar o termo “ciência natural” como sinônimo de ciência empírica. Neste pensamento, porém, o termo empírico queria dizer apenas que o conhecimento deve ser baseado em experiência direta, não que dever necessariamente resultar de um experimento controlado. Ou seja, fazer psicologia de um ponto de vista empírico era descrever rigorosamente o que é diretamente experimentado por introspecção. Brentano (1873) escreveu: “Meu lugar na psicologia é o ponto de vista empírico. Meu único mestre é a experiência”. (p. 1) §“*My place in psychology is at the empirical view point. My only master is experience*”

naturais e observação vigilante em economia, o que talvez possa ser também relevante para a psicanálise:

... usualmente temos algum experimento em mente quando construímos teorias, ainda que, infelizmente, a maioria dos economistas não descreva explicitamente o desenho de seus experimentos. Se o fizessem veriam que os experimentos que têm em mente podem ser agrupados em duas diferentes categorias, a saber, (1) experimentos que gostaríamos de fazer para ver se certos fenômenos econômicos reais – quando artificialmente isolados de “outras influências” – confirmam determinadas hipóteses, e (2) o fluxo de experimentos que a Natureza está constantemente retirando de seu enorme laboratório e que simplesmente acompanhamos como observadores passivos. (1944, p. 14).

É interessante notar que de certo modo o próprio Freud (1918) não resistiu à tentação de realizar um experimento natural quando no famoso caso do homem dos lobos decidiu impor um prazo para a terminação da análise para descobrir como isso iria afetar as resistências do paciente. Alexander (1963, p. 284) relata experimentos naturais assemelhados com interrupções temporárias de análises realizadas por Max Eitingon nos anos 1920 no ambulatório do Instituto Psicanalítico de Berlin. A técnica foi também testada sistematicamente pelo próprio Alexander no Instituto Psicanalítico de Chicago. Esses experimentos naturais lembram o controverso estudo de Stanley Milgram (1974) da Universidade de Yale sobre como as pessoas reagem à autoridade. Num teste famoso foi criada uma situação fictícia em que voluntários recebiam ordens enérgicas dos responsáveis pelo experimento para aplicar choques dolorosos progressivamente mais fortes em vítimas que reclamavam muito, com algumas inclusive alertando para problemas cardíacos sérios⁹. Na realidade os voluntários não sabiam que os choques eram ilusórios e que as vítimas eram atores, mas muita gente considerou o experimento pouco ético e psicologicamente abusivo. Certamente nenhum desses casos representa caminhos muito recomendáveis para o

⁹ A “caixa de choque” originalmente utilizada por Milgram está depositada nos Arquivos da História da Psicologia Americana na Universidade de Akron em Ohio.

desenvolvimento de testes empíricos em qualquer ciência do comportamento humano.

No caso de uma teoria científica que fundamenta uma técnica terapêutica pode-se, em princípio, considerar a própria terapia como um experimento natural da teoria. Isto de fato acontece na psicanálise onde a observação vigilante na clínica permite a formação de elevado grau de convicção no analista em relação às diversas afirmações probabilísticas da teoria. Essa convicção é a base para a gradual formação de um julgamento educado que lhe dá condições para aceitar ou rejeitar diferentes formulações, aspectos e detalhes da teoria e, dessa forma, consolidar progressivamente em sua mente um entendimento pessoal sobre o modelo adequado para explicar o processo mental humano.

Algo bem diferente é tentar transformar a clínica psicanalítica num experimento controlado para produzir o que Kandel denomina de psicoterapia baseada em evidência (em inglês, evidence-based psychotherapy). Surpreende que Kandel (2006), a despeito de ter algum conhecimento de psicanálise, tenha apontado a terapia comportamental cognitiva de Aaron Beck como modelo do caminho a ser seguido pela psicanálise¹⁰. Beck e seus associados (1979) produziram testes clínicos controlados para avaliar a efetividade de uma nova forma de terapia breve usada para tratar casos de depressão suave ou moderada. A terapia se baseia na ideia de que o indivíduo sofre de um padrão distorcido de pensamento. O tratamento de curta duração (de cinco a quinze sessões) produziu resultados superiores aos casos de placebo e comparável aos casos que usaram uma medicação antidepressiva. Para Kandel o principal mérito de Beck foi ter testado empiricamente uma nova proposta de psicoterapia, começando dessa forma um movimento da disciplina na direção de estudos de efetividade baseados em evidências.

¹⁰ Kandel comete o equívoco de classificar Beck como psicanalista. Beck, que é professor de psiquiatria na Universidade da Pensilvânia, está claramente alinhado com a psicologia cognitiva. Por outro lado, Kandel também elogia o trabalho do psicanalista Otto Kernberg (1984), que desenvolveu a técnica de psicoterapia focada em transferência (TFT).

Na realidade os testes empíricos de Beck e associados são de relevância bastante limitada para uma avaliação científica de sua teoria. A psicanálise sempre reconheceu que tratamentos de curta duração podem ter algum efeito terapêutico, ainda que limitado e possivelmente transitório. Isto foi reconhecido por diversos autores como Stone (1954), Gill (1954), Ticho (1970) ou Kohut (1980). O próprio Freud (1937) notou que no caso do homem dos lobos, que admitiu ter sido um caso de fracasso terapêutico por não ter eliminado de forma permanente os principais sintomas neuróticos, a fase inicial do tratamento produziu alguns efeitos positivos. Como o paciente recuperou parte de sua independência e de seu interesse na vida, além de conseguir ajustar suas relações com as pessoas mais importantes para ele, provavelmente teria sido considerado um caso de sucesso no tipo de avaliação de Beck.

Alexander (1963) explica de forma simples porque terapias breves podem ter valor terapêutico:

Uma neurose implica numa substituição inadequada de gratificação realistas por sintomas e a frustração é um de seus resultados inevitáveis. Na terapia [o paciente] espera por alívio e encontra oportunidade de gratificar algumas de suas necessidades regressivas de dependência. Dessa forma pode reduzir a necessidade de gratificação através de sintomas. Isto explica porque todas as formas de tratamento, nas quais o médico oferece ajuda e dá suporte emocional, podem ter um efeito terapêutico.

Apoio emocional e intelectual está em alguma medida presente em todas as formas de tratamento. Isto resulta da própria situação terapêutica independentemente das técnicas específicas que estão sendo usadas, desde que o terapeuta consiga a confiança do paciente... (p. 274).

A questão da avaliação empírica da efetividade dos tratamentos psicanalíticos tem sido alvo de diversos esforços importantes de pesquisa¹¹. Um problema central nesse tipo de avaliação, particularmente no caso da avaliação de resultados, é que a

¹¹ Ver as resenhas em Bucci (2005), Giampieri-Deutsch (2005), Wallerstein (2005) e Weinberger e Levy (2005).

psicanálise nem sempre tem uma especificação clara e consensual sobre o objetivo da terapia. Freud falava em eliminar sintomas neuróticos tornando consciente o inconsciente reprimido, a psicologia do ego falava em melhorar a capacidade do ego para lidar com conflitos internos e externos, Melanie Klein falava na capacidade de lidar com a agressão inata, Kohut falava em coesão do self, Winnicott falava em viver criativo. Não é fácil imaginar como produzir escalas e manuais codificados para um tipo de avaliação, como demandado por Kandel, que efetivamente capture a diversidade de nuances possíveis na definição de um conceito de saúde mental.

Cooper (2005) escreveu um interessante comentário introdutório ao ensaio de Kandel (2005) sobre “A Biologia e o Futuro da Psicanálise”. O comentário nota a situação atual de “pluralismo teórico” e o intenso e permanente debate sobre se a psicanálise deveria aspirar a acomodar alguma variedade de metodologia científica ou se deveria se limitar a ser uma disciplina hermenêutica. Para Cooper esse último ponto de vista não permitirá que a disciplina continue avançando significativamente e a adoção de uma abordagem puramente científica é necessária e inevitável, inclusive com uma interação crescente com a neurociência. Ele parece concordar com as observações de Kandel de que a psicanálise foi prejudicada por seu grande isolamento em relação ao ambiente acadêmico-universitário, e que não evoluiu cientificamente devido ao fato de não ter desenvolvido métodos objetivos para teste experimental das “excitantes ideias” originalmente desenvolvidas por seus pioneiros. Somos também informados por Cooper sobre o importante esforço que está sendo empreendido pela IPA americana, particularmente em Nova York, para recrutar e treinar pesquisadores destinados a desenvolver trabalhos de pesquisa empírica aplicada em diversas áreas.

Não se pode objetar a um esforço de expandir a utilização de metodologia científica em psicanálise, inclusive porque, como notamos acima, dados não experimentais sempre podem ser analisados num espírito experimental. O diálogo com a neurociência e com a psicologia cognitiva certamente pode ser muito proveitoso, pois em última análise as três disciplinas devem ser vistas como desenvolvimentos paralelos de um mesmo único esforço na direção de desvendar os segredos da mente

humana. São, porém, disciplinas com focos e abordagens diferentes, o que naturalmente implica na utilização de metodologias diferentes.

No caso da psicanálise o fundamental é lembrar que se trata de uma ciência essencialmente não experimental. A elaboração teórica deve buscar a formulação de conjecturas que possam ser estatisticamente refutadas pela observação vigilante do comportamento humano. Como notado por Bucci (2005, p. 320) a experiência clínica com a regra básica da livre associação produz um “contexto naturalístico para o estudo sistemático da vida interior” de seres humanos. Parafraseando o economista Haavelmo, já citado anteriormente, a natureza humana está constantemente fazendo aflorar de seu “laboratório” um grande número de experimentos naturais que só podemos observar passivamente, mas que nos permitem construir a convicção interna necessária e suficiente para corroborar ou refutar nossas conjecturas.

O fato de prescindir de experimentos controlados não exime, porém, a psicanálise da necessidade de dispor de bons modelos. Muito pelo contrário! Para que a observação vigilante possa ganhar respeitabilidade como metodologia de teste empírico é fundamental que sua base teórica utilize conceitos bem definidos e que possa produzir conjecturas que sejam, em princípio, empiricamente refutáveis com razoável segurança no contexto de experimentos naturais. O problema da aparente estagnação científica da psicanálise e da sua baixa reputação nos meios acadêmicos não está na ausência de experimentos controlados, como sugerido por Kandel. Se fosse assim a ciência econômica deveria estar na mesma situação!

O problema está principalmente naquele mesmo pluralismo teórico constatado por Cooper e na forma imprecisa e até negligente com que a psicanálise frequentemente utiliza muitas de suas categorias de análise. Conceitos como “conteúdo mental”, “relação de objeto”, “self” ou “intersubjetividade”, para só citar alguns exemplos, ou são usados com uma definição meramente “impressionista” (isto é, sem uma definição precisa) ou têm definições distintas em diferentes escolas de psicanálise. Isto significa que a perda de respeitabilidade científica decorreu não da ausência de

experimentos controlados, mas do fato de que os psicanalistas nem sempre parecem saber do que estão falando, mostrando-se inseguros sobre a definição exata dos conceitos que usam. Para uma ciência frágil do lado experimental como a psicanálise (e também, claro, a igualmente frágil ciência econômica) é fundamental apoiar-se numa base teórica sólida que utilize conceitos precisamente definidos em estruturas logicamente consistentes.

Referências

- Alexander, F.**, 1963. *Fundamentals of Psychoanalysis*, 2nd ed., W.W.Norton & Co. (tradução em português, *Fundamentos da Psicanálise*, Zahar Editores, 1976)
- Angrist, J. D. & J. Pischke**, 2005. *Mostly Harmless Econometrics: An Empiricist's Companion*, Princeton University Press.
- Beck, A. T. & A. J. Rush & B. F. Shaw & G. Emery**, 1979. *Cognitive Therapy of Depression*, The Guilford Press.
- Blaug, M.**, 1968. *Economic Theory in Retrospect*, Richard D, Irwin Inc.
- Brentano, F.**, 1874. *Psychology from an Empirical Standpoint*, Routledge. 1973.
- Bucci, W.**, 2005. "Process Research", chapter 21 in Person–Cooper- Gabbard 2005.
- Cooper, A. M.**, 2005. "Commentary on Biology and the Future of Psychoanalysis" in Kandel 2005, 59-62.
- Freud, S.**, 1918 . "From the History of an Infantile Neurosis". *Standard Edition*, vol 17
- , 1937 . "Analysis Terminable and Interminable" in J. Sandler, 1987.
- , 1940b . *Algumas Lições Preliminares de Psicanálise*, *Standard Edition*, vol 23.
- Giampieri-Deutsch, P.**, 2005. *Psychoanalysis as an Empirical Interdisciplinary Science*, Verlag Der Osterreichischen Akademie der Wissenschaften.
- Gill, M. M.**, 1954. Psychoanalysis and Exploratory Psychotherapy, *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 2: 771-777.
- Haavelmo, T.**, 1944. "The Probability Approach in Econometrics", *Econometrica* 12, 91-115.

- Hawking, S.**, 1988. *A Brief History of Time*, Bantam Books.
- Hutchison, T. W.**, 1976. “On the History and Philosophy of Science and Economics”, In Latsis 1976.
- Kandel, E.**, 2005. *Psychiatry, Psychoanalysis and the New Biology of Mind*, American Psychiatric Publishing, Inc.
- , 2006. *In Search of Memory: The Emergence of a New Science of Mind*, W. W. Norton & Co..
- Kernberg, O.**, 1984. *Severe Personality Disorders: Psychotherapeutic Strategies*, Yale University Press.
- Keynes, J. M.**, 1973. *The Collected Writings of John Maynard Keynes (Volume XIV)*, Moggridge, D. (ed.), Macmillan.
- Kohut, H.**, 1977. *The Restoration of the Self*, International Universities Press.
- , 1980. Reflections. In: *Advances in Self Psychology*, A. Goldberg (ed), International Universities Press, 473-554.
- Lederman, L.**, 1993. *The God Particle*, Delta Book.
- Milgram, S.**, 1974 *Obedience to Authority: An Experimental View*, HarperCollins
- Person, E. S. & Cooper, A. M. & Gabbard, G. O.** (eds), 2005. *Textbook of Psychoanalysis*, American Psychiatric Publishing.
- Popper, K.**, 1963. *Conjectures and Refutations*, Routledge.
- Smith, V.**, 2003. “Constructivist and Ecological Rationality in Economics”, In *The Nobel Prizes 2002*, Editor Tore Frängsmyr, [Nobel Foundation], Stockholm. (Também em www.nobelprize.org)
- Stone, L.**, 1951. “Psychoanalysis and Brief Psychotherapy”, *The Psychoanalytic Quarterly*, 20: 215-236.
- Ticho, E.**, 1970. “Differences between Psychoanalysis and Psychotherapy”, *Bull. Menn. Clin.*,34: 128-138.
- Wallerstein, R. S.**, 1988. “One Psychoanalysis or Many?”, *International Journal of Psychoanalysis*, 69: 5-21. Also in Cooper 2006.
- , 2005. “Outcome Research”, chapter 20 in Person–Cooper- Gabbard 2005.

Weinberger, J. & K. N. Levy, 2005. "Psychology", chapter 30 in Person–Cooper-Gabbard 2005.

Winnicott, D. W., 1971. *Playing and Reality*, Brunner-Routledge.